

D. ANTÓNIA ADELAIDE FERREIRA (1811-1896) — A MULHER, A FAMÍLIA E A EMPRESA

(COMUNICAÇÃO A APRESENTAR AO ENCONTRO DA APHES)

O percurso de vida de D. Antónia Adelaide Ferreira, uma das personalidades mais marcantes da história do Douro oitocentista, permite-nos reflectir sobre o papel da mulher nas relações entre a família e a empresa, no contexto da viticultura duriense e do comércio de vinhos do Porto.

Sendo um universo tradicionalmente dominado pelos homens, o sector dos vinhos do Porto oferece alguns exemplos de mulheres que, geralmente na condição de viúvas, ascenderam à situação de cabeças-de-casal e empresárias. Na maior parte dos casos, a função de chefia parece ser exercida na continuidade de estratégias definidas pelo cônjuge falecido, e muitas vezes em nome dele. No caso de Dona Antónia, cujos maridos tiveram, cada um a seu modo, forte influência social, económica e política no seu tempo e contribuíram decisivamente para a afirmação social da família e para o reforço do poder económico da empresa, o papel da mulher, longe de ser subalterno, aparece-nos como axial, em resultado quer dos percursos de vida que nela fizeram concentrar a fortuna e o poder familiares, quer das decisões tomadas no exercício da chefia da família e da empresa.

No caso da empresa criada por D. Antónia Adelaide Ferreira, parecem ter sido factores importantes de sucesso: a relação estreita entre as actividades de produção vitícola e as actividades comerciais, fazendo circular produtos, capitais, influências e informações entre a Régua, o Porto e Londres; a relação, estabelecida entre o sector vinhateiro e o sector exportador, com a capacidade de controlo de importantes *stocks*, o que permitiu, em momentos decisivos, controlar os preços respectivos; a articulação entre os investimentos e negócios nos sectores financeiro e imobiliário, no Porto, em Lisboa e em Londres, e os investimentos na propriedade vinhateira no

Douro, ao longo da segunda metade do século XIX; ou ainda a dispersão do investimento em explorações vitícolas por todas as sub-regiões do Alto Douro, desde o Baixo Corgo ao Douro Superior, amortecendo os efeitos das calamidades naturais, como a filoxera, ou das flutuações anuais das colheitas.

Gaspar Martins Pereira

Porto, Junho 2002